

NOTAS SOBRE A FUNÇÃO PRAGMÁTICA DA AMIZADE NO PROCESSO EDUCATIVO KANTIANO

NOTES ON THE PRAGMATIC FUNCTION OF FRIENDSHIP IN THE KANTIAN EDUCATIONAL PROCESS

NOTAS SOBRE LA FUNCIÓN PRAGMÁTICA DE LA AMISTAD EN EL PROCESO EDUCATIVO KANTIANO

Tomaz Martins da Silva Filho¹

RESUMO

O texto trata sobre o conceito de amizade em Kant, a partir da obra *Sobre a Pedagogia*. Kant, nesse escrito, afirma que a criança deve manter relações de amizade com os outros e não viver sempre isoladamente. Sabe-se que a amizade não é um tema central da filosofia crítica, entretanto, o filósofo dedica diversos parágrafos ao tema nas *Lições de Ética*, na *Metafísica dos Costumes*, na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* e na obra *Sobre a Pedagogia*. Assim, podemos nos questionar: no contexto geral da antropologia kantiana, que papel desempenha a amizade (*Freundschat*) para que o filósofo dedique seguidos parágrafos? Talvez, a resposta a esse questionamento não esteja propriamente na *Antropologia de um ponto de vista Pragmático*, mas na obra *Sobre a Pedagogia*. Observar a amizade a partir da *Pedagogia* é perceber que não estamos diante de um mero sentimento, porém, de uma habilidade inerente à vida em sociedade. Tal habilidade deve ser cultivada como um traço do caráter da criança, visando ao desenvolvimento da sociabilidade e, portanto, evitar o isolamento. Com isso, previne-se também os vícios da misantropia e da ferocidade, típicos da indisciplina selvagem.

Palavras-chave: amizade; sociabilidade; prudência; civilização; educação.

ABSTRACT

The text deals with the concept of friendship in Kant, based on the work *On Pedagogy*. Kant, in this writing, states that the child should maintain friendly relationships with others and not always live in isolation. It is known that friendship is not a central theme of critical philosophy, however, the philosopher dedicates several paragraphs to the theme in the *Lessons of Ethics*, in the *Metaphysics of Morals*, in *Anthropology from a pragmatic point of view* and in the *On Pedagogy*. Thus, we can ask ourselves: in the general context of kantian anthropology, what role does friendship (*Freundschat*) play for the philosopher to dedicate consecutive paragraphs to it? Perhaps the answer to this question does not exactly lie in *Anthropology from a Pragmatic point of view*, but in the work *On Pedagogy*. Observing friendship from *Pedagogy* is realizing that we are not facing a mere feeling, however, an ability inherent to life in society. Such ability must be cultivated as a trait of the child's character, aiming at the development of sociability

¹ Doutor em Filosofia, Instituto Federal do Pará, tomaz.martins@ifpa.edu.br.



and, thus avoiding isolation. With this, the vices of misanthropy and ferocity typical of wild indiscipline, are also prevented.

Keywords: friendship; sociability; prudence; civilization; education.

RESUMEN

El texto trata sobre el concepto de amistad en Kant, a partir de la obra *Pedagogía*. Kant, en este escrito, afirma que el niño debe mantener relaciones amistosas con los demás y no vivir siempre aislado. Se sabe que la amistad no es un tema central de la filosofía crítica, sin embargo, el filósofo dedica varios párrafos al tema en *Lecciones de ética*, en *Metafísica de las Costumbres*, en *Antropología en sentido pragmático* y en la obra *Pedagogía*. Así, podemos preguntarnos: en el contexto general de la antropología kantiana, ¿qué papel juega la amistad (*Freundschat*) para que el filósofo le dedique párrafos consecutivos? Quizás, la respuesta a esta pregunta no esté precisamente en la *Antropología en sentido pragmático*, sino en la obra *Pedagogía*. Observar la amistad desde la *Pedagogía* es darnos cuenta de que no estamos ante un mero sentimiento, sino ante una capacidad inherente a la vida en sociedad. Tal habilidad debe ser cultivada como un rasgo del carácter del niño, visando el desarrollo de la sociabilidad y, por lo tanto, evitando el aislamiento. Con ello, también se previenen los vicios de la misantropía y la ferocidad, propios de la indisciplina salvaje.

Palabras clave: amistad; sociabilidad; prudencia; civilización; educación.

INTRODUÇÃO

O tema da amizade em Kant, embora periférico no sistema crítico e, mais ainda na antropologia, não aparece por acaso nas *Lições de ética*, na *Metafísica dos Costumes*, na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* e na obra *Sobre a Pedagogia*². No contexto geral da antropologia kantiana que papel desempenha a amizade (*Freundschat*) para que o filósofo lhe dedique seguidos parágrafos? Talvez a resposta a esse problema não esteja propriamente na *Antropologia*, mas na *Pedagogia*, que por seu turno, nos conduz inevitavelmente aos temas antropológicos. Afirma Kant (1996, p. 87) na *Pedagogia*: “Um terceiro traço do caráter da criança é a sociabilidade. A criança deve manter com os outros relações de amizade, e não viver sempre isoladamente.” O filósofo, dá-nos a entender que o conceito de amizade tem uma função, ao menos na educação, de desenvolver a sociabilidade no caráter da criança e, desse modo, evitar o isolamento. A partir disso, obviamente evitam-se também os vícios da misantropia e a

2 Todas as citações, sejam diretas ou indiretas, fazem referência às traduções que julgamos mais adequadas, na seguinte ordem: autor, ano, página. Seguem, portanto, as abreviaturas utilizadas no texto: *Antropologia*: Antropologia de um ponto de vista pragmático; *Ética*: Lições de ética; *Fundamentação*: Fundamentação da metafísica dos costumes; *Metafísica*: Metafísica dos costumes; *Pedagogia*: Sobre a Pedagogia. *KpV*: Crítica da Razão Prática.



ferocidade típica da indisciplina selvagem, portanto, deve-se considerar que, se a vida em sociedade é “[...] o meio mais nobre de encontrar o prazer da vida em qualquer lugar. Daí [provém] a inclinação à sociabilidade e à necessidade social [...]” (KANT, 2021, p. 213). Dessa maneira, a amizade é apresentada como um mecanismo de ligação entre o indivíduo e a sociedade, tornando-o sociável e, por isso, civilizado. Dessarte, esse texto tem como objetivo tratar sobre a função pragmática da amizade na educação prática e, para tanto, deve recompor esse conceito tomando como ponto de partida a *Pedagogia*.

CIVILIZAR E SOCIABILIZAR NA EDUCAÇÃO PRÁTICA

A *Pedagogia* está dividida em duas partes: a primeira é a educação física, concernente à formação, isto é, aos cuidados e à disciplina. A segunda parte é a educação prática, que diz respeito ao cultivo das habilidades e da prudência, bem como, à moralização³. O início do processo educativo é gradual, pois o homem pode ser treinado, disciplinado, instruído e ser esclarecido (KANT, 1996, p. 27). A bem da verdade, o homem deve ser tudo isso, porque as partes do todo da educação articulam-se e exigem o cumprimento dessas etapas. Destarte, consideremos que jamais o homem será esclarecido se não foi disciplinado; é o hábito proveniente da disciplina que possibilitará certa facilidade na fortaleza necessária para o treino das habilidades. É graças à capacidade de estabelecer fins para a infinidade de habilidades, que o homem treina sua capacidade de adotar máximas. Como as habilidades são infinitas, também são infinitos os fins (KANT, 1996, p. 26) e, por conseguinte, inúmeras as possibilidades de treino na elaboração de máximas. O treino, que não é outra coisa senão adestramento por erros e acertos, propicia aprendizado. É por esse motivo que o “[...] homem precisa da formação escolástica, ou da instrução, para estar habilitado a conseguir todos os seus fins. Esta formação lhe dá um valor em relação a si mesmo, como um indivíduo” (KANT, 1996, p. 37). O homem só pode conseguir todos os seus fins, caso tenha a capacidade de elaborar máximas pragmáticas e morais, se for instruído. Assim, ele passa a ter cultura, que para tal, deve ter sido cumprido o requisito da disciplina, desse modo, a instrução

3 A educação prática abrange a cultura do espírito, a civilização e moralidade, isto é, o desenvolvimento da habilidade de bem pensar, o uso da prudência e a arte da aparência e, por fim, a formação do caráter (KANT, 1996, p. 86). Dessa maneira, a educação busca desenvolver a disposição técnica e a disposição pragmática, que revela a humanidade em nós, logo, a capacidade de constituir-se membro da sociedade, como também busca desenvolver a disposição moral que nos torna pessoas em seu mais alto grau de dignidade.



dá o arremate da tarefa disciplinar, retirando o homem da barbárie, porque ele doma-se a si mesmo em vista de atingir os inúmeros fins requeridos pelo desenvolvimento das habilidades. Tão somente por isso o homem deve tornar-se culto, visto que a cultura abrange a instrução e vários conhecimentos, além disso é precisamente a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos. Desse modo, a habilidade não determina por si mesma nenhum fim, mas deixa esse cuidado às circunstâncias, todavia requer treino (KANT, 1996, p. 26). Esse treino tem um propósito outro, que não somente a si mesmo, visa ao exercício das forças da índole, ou seja, a capacidade de lidar com as circunstâncias exige certo refinamento na proposição de fins. Tal refinamento conduz a uma disciplina pragmática, já que, por meio da cultura o homem cumpre seu dever de esforçar-se cada vez mais para alçar-se da rudeza da animalidade à humanidade, unicamente através da qual ele é capaz de propor-se máximas pragmáticas e morais, sendo a instrução o que irá sobrepor-se à ignorância e corrigir seus erros. Esse dever, de aperfeiçoar-se no desenvolvimento das habilidades, não pode ser considerado um mero conselho pela razão prático-técnica para fins da cultura ou da prudência, mas antes é a própria razão prático-moral que ordena absolutamente e faz desse fim um dever (KANT, 2013, p. 198).

Do exposto, entendemos o porquê da necessidade de que, na educação prática o jovem deverá sentir a inevitável resistência da sociedade, ele poderá conhecer o quanto é difícil bastar-se a si mesmo, tolerar as privações e adquirir o que é necessário para tornar-se independente (KANT, 1996, p. 34). Na vida em sociedade ninguém está eximido do constrangimento social, que exige bons modos, porque o uso da nossa liberdade implica levar em conta a liberdade dos demais. Dito isso, é “[...] preciso habituar o educando a suportar que sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade” (KANT, 1996, p. 34). Esse constrangimento, típico da disciplina juvenil⁴, exige convencimento, porque o

4 Ao lermos apressadamente a *Pedagogia* e, mesmo alguns comentários sobre a obra, podemos pensar que o conceito de disciplina é um só, no entanto, não o é. Kant divide a disciplina em dois tipos, uma infantil, pedagógica e, à vista disso, passiva, e uma juvenil, pragmática, que requer reflexão. Na *Ética* pode-se ler: o jovem “[...] já é capaz de se refinar, podendo ser disciplinado por meio da honra, já que uma criança é disciplinada somente por obediência” (KANT, 2018, p. 504), logo, não adianta de nada meros castigos e punições físicas, é preciso conduzir a juventude à reflexão. É nessa fase da vida do homem que fica mais evidente o conflito entre liberdade e disciplina, esse conflito não passa despercebido ao filósofo. “Disciplina é coerção. Mas, enquanto coerção, ela é contrária à liberdade. A liberdade, não obstante, é o valor do homem. Por conseguinte, o jovem deve ser submetido à coerção por meio da disciplina de tal modo que a sua liberdade seja conservada. Ele deve ser disciplinado através de coerção, mas não de uma coerção servil” (KANT, 2018, p. 501).



homem deve começar a fazer uso de sua liberdade e da capacidade de pensar. É a aparência decorosa, o polimento dos costumes, o superficial brilho que se dão por receio do outro que, pouco a pouco, conduz à moralidade. É nesse sentido que na educação prática, o filósofo pensa que as crianças devem ser habituadas a sorrir, uma expressão de delicadeza, dado que os traços risonhos do rosto se imprimem, gradativamente, também no interior e fundam uma disposição para a alegria, amabilidade e sociabilidade, que prepara desde cedo para uma intimidade com a virtude da benevolência (KANT, 2006, p. 152).

Na educação prática, a arte de educar busca técnicas que desenvolvam a civilização, por conseguinte, deve o projeto educativo produzir sofisticação, decoro, honradez, gosto, cortesia, serviço para o trabalho, contudo, é necessária ainda uma reserva pela qual cada um tem de temer em relação ao outro (KANT, 2021, p. 136). O estágio civilizatório, do qual a espécie humana é tirada à força do estado de selvageria por suas próprias inclinações para o prazer não é nenhuma fraqueza, tampouco negligência banal, é um jogo fictício, em que cada um assume uma função que deve durar mediante vantagens. Na educação deve ser observado que é impossível dispensar esse jogo fictício, porque todos nós temos conhecimento disso. Esse jogo de aparências evita que os homens se digladiem, uma vez que sem a aparência decorosa, a espécie humana pagará um alto preço por sua barbárie, logo, é para seu próprio bem-estar que os homens entram em relação social. Dessa forma, o homem, mesmo sem qualquer instrução, percebe de imediato que ser indelicado é prejudicial à sua felicidade, devendo o processo educativo mostrar que cada homem tem seu lugar no mundo, mesmo que por mero apreço à felicidade. Ninguém deve se aventurar pela selvagem agressão à liberdade dos outros, embora a insociabilidade não seja dissipada completamente. Por consequência, o homem tem de cultivar os bons modos, porque quando “[...] as pessoas se comportam educadamente em uma relação social, tornam-se, dessa maneira, mais delicadas e refinadas, praticando boas ações em pequena medida” (KANT, 2018, p. 478). É precisamente isso que a educação prática objetiva por meio da prudência, que o educando aprenda a ser amigável (*Freundlich*), preparando-se para ser um membro de uma sociedade civil. Na civilidade, a cortesia, a delicadeza e os bons modos caracterizam, em princípio, alguém digno de amizade, um comportamento indispensável para a sociabilidade.

O tema da amizade não aparece por acaso nos textos kantianos, pois no contexto antropológico ele desempenha um papel elementar para a manutenção da civilização.





Por seu turno, na *Pedagogia* é apresentado como sendo algo a ser cultivado, porque estimula a sociabilidade, porém, considera o filósofo que, “[...] muitos mestres são contrários a esta ideia, entretanto, muito injustamente. As crianças devem, deste modo, preparar-se para o mais doce de todos os prazeres da vida” (KANT, 1996, p. 87). Se a vida em sociedade é o meio mais nobre de encontrar o prazer é por conta da inclinação à sociabilidade e à necessidade social, sendo a amizade o mais doce desses prazeres. Evidentemente, não é por conta da amizade que as crianças são mandadas à escola, mas por conta da pressão social que a escola introduz objetivando a sociabilidade e a disciplina, a amizade nisso se inclui.

Nesse caso, muito útil para o cultivo da sociabilidade são os jogos, além de desenvolver a habilidade e exercitar os sentidos, esses estimulam as relações de amizade e podem exercitar o uso da liberdade pela busca de superação dos demais por meio da relação social (KANT, 1996, p. 87). Os jogadores aprendem a lidar um com o outro, a agir pragmaticamente e elaborar um cálculo de prudência no próximo passo a ser dado no jogo, em suma, os jogadores pensam estar jogando entre si, quando na verdade é a natureza que joga com eles em vista do propósito social. Os jogos se põem, especificamente para a instrução pragmática, como sendo um fator que desenvolve a cultura do corpo e da alma, propicia a amizade à proporção que estimula o convívio social. É nesse sentido que a *Antropologia* nos afirma que

Os jogos de bola dos meninos, as lutas, as corridas, as brincadeiras de soldado, além disso, os [jogos] dos homens no jogo de xadrez e de cartas (onde, nos primeiros, o propósito é a mera superioridade do entendimento e, nos segundos, o puro ganho); finalmente, os jogos do cidadão que tenta sua sorte nas sociedades públicas com o farol ou com dados, todos eles são inconscientemente estimulados pela sábia natureza à empreitada de testar suas forças em disputa com outros, a fim propriamente de que a força vital em geral se preserve da extenuação e se mantenha ativa. (KANT, 2006, p. 163).

No panorama da cultura pragmática, o jogo deve preencher os horários vagos, evitando a preguiça e o comodismo, em vista disso, “É preferível nos ocuparmos com jogo do que não ter qualquer ocupação, pois dessa forma pelo menos nos mantemos em atividade” (KANT, 2018, p. 356). Por meio dos jogos as crianças aprendem a lidar com a liberdade do outro e sofrer restrições típicas da vida em sociedade, aprendem a respeitar regras. Quando perdem, devem reconhecer o erro e, ao ganharem, aprendem a lidar com a honra. Por meio da disputa que os jogos inspiram, a razão tira proveito,



porque desse modo podem os jogadores exercitarem suas habilidades e refletirem se os meios escolhidos por eles se ajustam a seus fins (KANT, 2006, p. 163). Por conta disso, podemos pensar que a função da escola é meramente estimular a amizade, mas não é esse o propósito final dela. Constatamos na *Pedagogia* que as crianças são mandadas desde cedo à escola, não para que aprendam alguma coisa, mas para que se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (KANT, 1996, p. 13). A função da escola também não é meramente disciplinar, como se pode pensar ao ler o trecho despercebidamente; a função principal não é fazer com que as crianças fiquem sentadas e obedecer pontualmente, como por força do hábito. É outrossim, que elas não sigam imediatamente seus próprios caprichos, isto é, não façam o que lhe aprouver ferindo a liberdade e a dignidade do outro. Já a amizade, algo que também deve ser cultivado na escola, desempenha o papel de auxiliar nessa luta contra os próprios caprichos, dado que a amizade não é outra coisa, senão o impulso para nos abrir e estar completamente em uma relação social (*Gesellschaft*) (KANT, 2018, p. 429-430). Para tal, é exigido compromisso para com os demais, visto que a noção de amizade se entrelaça com o conceito de civilização, à medida que esse só pode ocorrer na vida em sociedade; o liame entre esses dois conceitos é a sociabilidade.

DA AMIZADE PRAGMÁTICA À AMIZADE MORAL

A amizade é movida tanto pelo amor de si (*Selbstliebe*), como pelo amor que temos pela humanidade, pondo-nos em conflito com nosso egoísmo, porque sem ela as pessoas não amariam os demais e, só se preocupariam com sua própria felicidade, realizando os propósitos de seu amor de si (KANT, 2018, p. 427). Contudo, a amizade acaba por nos fazer sair de nós mesmos e renunciar ao nosso gozo pessoal, logo, o que seria mero uso do outro para nosso proveito, passa a ser um uso racional, uma vez que nos importamos com seu bem-estar também. É por isso que quando estamos próximos de quem consideramos um amigo somos gentis e corteses. A cortesia é uma aparência de condescendência que infunde amor (KANT, 2006, p. 46). Na amizade, a cortesia dá solidez à relação; sem ela, a amizade arrefece e se desfaz.

Todavia, é preciso considerar que a *Antropologia* (KANT, 2006, p. 47) retoma a célebre frase de Aristóteles de que não existem amigos. É uma passagem que Kant (2018, p. 424) vez por outra retoma, na *Ética*, atribuindo a frase a Sócrates, e na





Metafísica, cita-a atribuindo a Aristóteles. É naquela obra que podemos entender porque o filósofo traz a frase aristotélica para o confronto com o conceito de amizade, ou seja, como condescendência que infunde amor. O conceito empírico de amizade deve oscilar entre uma concepção de

[...] amizade pensada como alcançável em sua pureza ou perfeição (entre Orestes e Pílates, Teseu e Pirítoo), é o tema preferido dos romancistas; contra o que Aristóteles diz “meus caros amigos, não existe nenhum amigo!” (KANT, 2013, p. 285).

Chama-nos a atenção o fato de que na vida em sociedade, não se pode enganar-se, a amizade tem dificuldade e nela permanece o amor de si. Embora, seja uma relação que retoma a perfeita ideia de amizade, supõe “[...] a união de duas pessoas por amor e respeito igualmente recíprocos” (KANT, 2013, p. 284). Como se trata de uma ideia⁵, a amizade em sua perfeição é inalcançável, de posse de um sentimento de reserva, o homem tem certa “[...] limitação da confiança, expressa pela regra de que mesmo os melhores amigos devem guardar certa reserva um do outro, contém uma máxima que vale não somente para o superior diante do inferior, mas também inversamente” (KANT, 2013, p. 284). O homem deve ter prudência⁶ em suas relações de amizade, pois quer queira, quer não, faz uso do outro para o seu prazer e, à medida que o sentimento se norteia pela ideia, o homem regula o uso que faz do outro nessa relação. Contudo, no

5 As ideias são fins, também são causas eficientes da realidade empírica à medida que dá princípios norteadores, como bem se nota: “[...] nas coisas em que a razão humana mostra verdadeira causalidade e onde as ideias são causas eficientes (das ações e seus objetos), ou seja, no domínio moral” (KANT, 2010, p. 311). Como se trata de um conceito da razão, a ideia diz respeito à totalidade das condições relativas a um condicionado, e como tal, é incondicionada. Ela dá a regra pela qual possibilita a totalidade das condições incondicionadas, assim, detém a síntese do condicionado. Uma “[...] Ideia é uma regra universal *in abstracto*, enquanto o ideal é um caso particular que coloco sob tal regra. Por exemplo, o Emílio de Rousseau e a educação que deve ser dispensada a ele é uma verdadeira ideia da razão” (KANT, 2019, p. 55). O ideal tem a função de elucidar as ideias da razão, a fim de que não se perca a direção determinada pelos princípios que nelas se regulam.

6 Segundo Kant (2011, p. 54-55): “A palavra prudência é tomada em sentido duplo: ou pode designar a prudência nas relações com o mundo, ou a prudência privada. A primeira é a destreza de uma pessoa no exercício de influência sobre outras para as utilizar para as suas intenções. A segunda é a sagacidade em reunir todas estas intenções para alcançar uma vantagem pessoal durável. A última é propriamente aquela sobre a qual reverte mesmo o valor da primeira, e quem é prudente no primeiro sentido, mas não no segundo, desse se poderá antes dizer: é esperto e manhoso, mas em suma é imprudente.” A prudência nas relações com o mundo diz respeito ao proveito que se tira das relações com os demais, podemos dizer que é uma prudência pública, ao passo que confere um valor público ao homem; uma prudência mundana (*Weltklugheit*); diz respeito ao temperamento do homem na vida em sociedade, no trato com os demais. A prudência privada, nome que recebe em oposição ao foro de influência da prudência mundana, diz respeito à preservação do que conseguiu como indivíduo, isto é, do proveito tirado da relação com os demais, visto que é a capacidade de fazer durar as vantagens decorridas do uso da prudência mundana. Isto posto, é a prudência privada que traz à baila a moderação e a temperança, quanto aos bens; é frugalidade, uma exatidão e cuidado no gasto de bens (KANT, 2018, p. 394).



âmbito das cortesias entre amigos, as partes não podem se queixar de engano, “[...] porque cada um sabe pelo que os deve tomar e, principalmente, porque esses símbolos, inicialmente vazios, de benevolência e de respeito conduzem pouco a pouco aos verdadeiros caracteres de tal espécie” (KANT, 2006, p. 46-47).

É preciso considerar que se amizade é algo “[...] bastante deficiente na experiência, na moral é uma ideia bastante necessária” (KANT, 2018, p. 423), porque ela é uma aproximação dos outros, não por mero interesse empírico, como se se necessitasse de um amigo somente para extrair algo, mas é uma relação social, na qual se pode desfrutar e com quem se pode ser sincero (KANT, 2018, p. 417). Desse modo, a amizade atenua as tenções típicas da vida civilizada⁷, porque não se fundamenta em si mesma, mas ao utilizar-se de um fundamento comum da prudência, o amor de si, regula-se pela ideia de amizade. Tal, serve para que possamos, dessa maneira, medir a amizade empírica e ver quanto ela ainda é deficiente, já que nenhuma amizade corresponde completamente à ideia de amizade (KANT, 2018, p. 424). Mas enquanto comportamento social, a amizade empírica é a generosidade que me dispõe a amar os outros, que embora não seja o amor prático⁸, estimula o cuidado recíproco, portanto, é por esse motivo que o filósofo vai nos dizer que: “O mais doce e delicado na amizade são as disposições benevolentes (*wohlwollende*). A relação da amizade é uma relação de igualdade” (KANT, 2018, p. 421).

Pode-se pensar que nas relações de amizade o homem abre mão do uso da prudência, porquanto, põe em risco sua privacidade ao revelar seus segredos e pensamentos a alguém, quando na verdade, é a prudência que está na base da amizade pragmática. Temendo a indiscrição, o homem só chama de amigo aquele que também com ele partilha sentimentos, em razão disso, todo “[...] homem tem segredos e não deve confiá-los cegamente aos outros; em parte, pelo vil modo de pensar da maioria, que

7 A civilização diz respeito à boa aparência decorrente do uso da prudência, tanto em seu sentido mundano como privado, o resultado desse uso são a temperança, certos modos corteses e a gentileza, tudo isso se regula pelo gosto mutável de cada época (KANT, 1996, p. 27). O uso pragmático da razão concerne ao temperamento do homem em público, então, diz respeito ao uso dos bons modos, a uma aparência moral permitida. Por meio disso, a prudência ensina o homem a se desviar de comportamentos importunos, de ser inconveniente com os demais, nela o homem aprende que o mundo é bastante grande para todos (KANT, 1996, p. 62), sendo assim, educar para a civilidade é domar a liberdade sem regras.

8 O amor pode ser prático ou patológico. O respeito é um tipo peculiar de sentimento e, em vista disso, é considerado um tipo de amor, não patológico, pois não tem seu fundamento na inclinação, mas um amor prático. Esse amor reside na vontade e não na tendência da sensibilidade; fundamenta-se em princípios da ação moral e não em compaixão lânguida (KANT, 2011, p. 31). Já o amor patológico, evidentemente um sentimento, está assentado na sensibilidade, tem como fundamento a inclinação para a necessidade social, por isso, retoma sempre o amor de si, como sendo a necessidade de ter suas paixões satisfeitas.



deles faria um uso que lhe seria prejudicial, [...]” (KANT, 2013, p. 287). É prudente ter amigos, mais prudente ainda é saber escolhê-los, e nisso há certo uso do outro para nossa felicidade, é a amizade pragmática, se bem que o uso aqui é mútuo, não tendo nada a dever ao outro. Quanto a isso, afirma Kant nas *Lições de Ética* (KANT, 2018, p. 422):

Parece que o homem sai perdendo quando cuida da felicidade de outrem, mas se o outro também lhe dispensa seus cuidados, então ele nada perde. Nesse caso, cada um promoveria sua felicidade através da generosidade do outro. Esta é a ideia da amizade, na qual o amor de si é engolido pela ideia do amor recíproco generoso.

Amizade tecida pelos homens em suas relações sociais é uma amizade empírica, o requerido pela razão é que ela se aproxime da ideia de amizade que exige dos homens, acima de tudo, respeito moral; dessa forma, a amizade moral é o propósito da amizade empírica. E podemos perceber essa divisão na *Ética* como sendo uma amizade de necessidade, de gosto e de disposição. A amizade em vista da necessidade é aquela segundo a qual as pessoas podem, em relação umas às outras, confiar um cuidado recíproco em consideração às suas necessidades vitais (KANT, 2018, p. 426). A amizade moral é “[...] a confiança total de duas pessoas em revelar reciprocamente seus juízos e sentimentos ocultos até onde tais revelações possam estar de acordo com seu respeito mútuo” (KANT, 2013, p. 284). Aquela amizade que tem como propósito a necessidade, ou seja, a amizade empírica, pode ser chamada de pragmática, dessa maneira faz uso da prudência e estimula, de modo geral, um apreço pelo bem-estar geral da espécie humana, é aquela amizade que partilha da alegria de todos e que nunca perturbará esse bem sem um pesar interior (KANT, 2013, p.287). Esse tipo de amizade é o requerido na educação prática, porque facilita as relações sociais, sem a qual não há civilidade, tampouco poderá sem essa conduzir o homem à humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideremos, então, a amizade pragmática como sendo um artifício no uso da prudência mundana a fim de que o homem atinja seus fins na vida em sociedade e, visto por esse ponto, deve-se ponderar que na vida em sociedade de modo geral, as reverências e saudações e todo galanteio cortês, junto com os mais calorosos protestos verbais de amizade, nem sempre são precisamente verdades (KANT, 2006, p. 47). Com isso, não se quer dizer que o comportamento decoroso seja inútil, ao contrário, ele



funciona como manutenção da sociabilidade. O polimento e a cortesia nada mais são que o uso da prudência, tanto em seu sentido mundano, como em seu sentido privado. A *Pedagogia* não negligencia a importância da prudência na educação prática, logo, é dessa forma que o jovem precisa cultivar a arte da aparência; um decoro necessário ao uso da prudência. Nesse cultivo ele aprende a dissimular e tornar-se impenetrável, ao passo que também saberá escutar os demais (KANT, 1996, p. 91-92). Se estamos de acordo com o que temos afirmado, que a prudência forma para a vida em sociedade, temos que levar em conta que é precisamente esse estilo de vida que produz o sentimento de reserva, torna o homem dissimulado e impenetrável, fazendo-o ao mesmo tempo, sondar as intenções dos demais. É recomendável e, na maioria das vezes o fazemos, um recolhimento em certa reserva e, desse modo, em “[...] qualquer companhia tendemos a conter grande parte de nossas disposições. Não botamos para fora imediatamente todas as nossas sensações, disposições e opiniões” (KANT, 2018, p. 429), há nisso uma dissimulação (*Verstellung*) dos sentimentos, a qual se chama hipocrisia (*Heuchelei*).⁹

Nessas relações sociais, nas quais temos que simular e dissimular nossos sentimentos, a amizade ameniza as tensões da vida social, ela o faz por conta de seu aspecto comunicativo. Nela existe uma noção de comunicação e participação no bem comum, unidos por uma vontade moralmente boa, que ao mesmo tempo traz consigo a dignidade de ser feliz (KANT, 2013, p. 286). Essa comunicação somente pode ocorrer entre duas pessoas que abrem mão da reserva originada pela desconfiança de que o outro sempre pode lhe fazer algum mal ou lhe subtrair um bem. Em meio ao teatro que os homens têm que fazer na vida social, devem encontrar alguém com quem possa se despir do figurino e tirar as máscaras. É por esse motivo que a amizade é estimulada no processo educativo, porque enquanto todos tendem a disfarçar seus sentimentos, para sua própria felicidade, a amizade permite que se seja completamente sincero com alguém que se tem amor, mas sobretudo com o qual cultiva respeito. É por conta disso que nos aconselha o filósofo:

9 Para Kant, dissimulação e fingimento moral são coisas diferentes. A “[...] dissimulação não quer dizer sempre fingimento e pode, às vezes, ser permitida” (KANT, 1996, p. 92), sua existência se dá no contexto da civilização, é aceita porque todos a fazem, ninguém se engana só, todos enganam a todos e todos sabem que tudo não passa de um jogo de encenação. Já o fingimento moral é a manutenção da aparência do bem, enraizado no amor próprio, que alimenta o egoísmo moral, é algo que “[...] encobre nossos defeitos morais, porque a aparência engana onde o indivíduo, recorrendo a algo sem nenhum conteúdo moral, encena para si mesmo a anulação de sua própria culpa ou até, dispensando esse expediente, se convence de não ser culpado de nada” (KANT, 2006, p. 47).





[...] encontra alguém com entendimento, de quem não deve recear aquele perigo [o de ter seus segredos expostos], mas com quem possa abrir-se com total confiança e que, além disso, tem um modo de ajuizar as coisas que coincide com o seu, aí então ele pode deixar seus pensamentos virem à tona; [...] (KANT, 2013, p. 287).

Dito isso, a amizade pragmática aponta para a lei da humanidade, a amizade moral a exige como respeito ao outro, porque pelas relações de amizade começamos a perceber que embora o homem, enquanto indivíduo, é bastante ímpio, a humanidade em sua pessoa preserva a santidade moral.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução: Clelia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução: Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Edição bilingue.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução: Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2011.

KANT, Immanuel. **Lições de ética**. Tradução: Bruno Cunha et al. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

KANT, Immanuel. **Lições sobre a doutrina filosófica da religião**. Tradução: Bruno Cunha. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2019.

KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. Tradução: Clélia Aparecida Martins et al. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KANT, Immanuel. **Reflexões de Antropologia: Sobre o sentimento de prazer e desprazer**. 2º livro. Tradução: Daniel Omar Perez. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimepe, 1996.

Submetido em: 01/05/2023

Aceito em: 10/06/2023